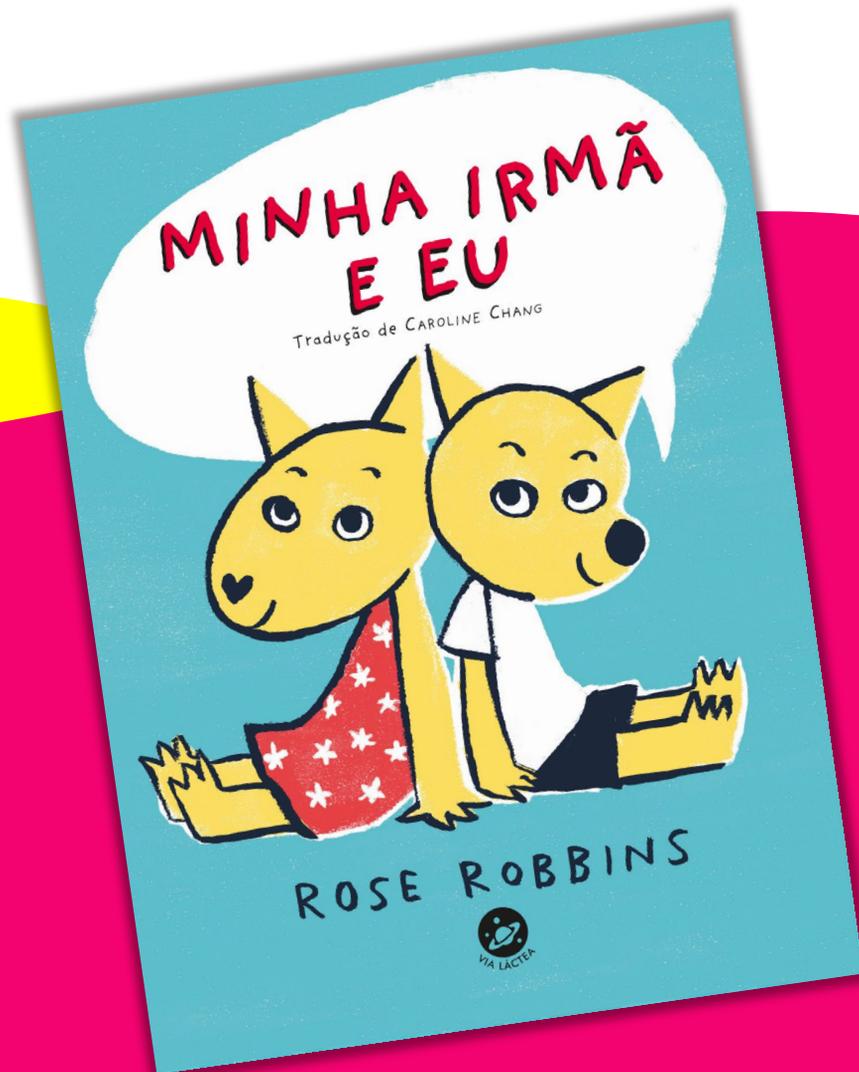


LIVRO DO **PROFESSOR**  
MATERIAL DIGITAL DO **PROFESSOR**

# ***Minha irmã e eu***

de Rose Robbins  
Traduzido por Caroline Chang

Elaboração do material: **KÁTIA CHIARADIA**



# ***Minha irmã e eu***

de Rose Robbins

Traduzido por Caroline Chang

Elaboração do material: **KÁTIA CHIARADIA**

**Categoria:** Creche II

**Temas:** Relacionamento pessoal e desenvolvimento de sentimentos de crianças nas escolas, nas famílias e nas comunidades (urbanas e rurais)

**Gênero:** Narrativo

**Uso:** Para que o(a) professor(a) leia para crianças bem pequenas

**Formato:** 205 x 275mm

**Número de páginas:** 32

**Edição:** 1ª

**Ano:** 2021

Kátia Chiaradia é graduada em Letras, mestre e doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. Trabalha com formação docente e materiais de literatura em contexto escolar há mais de uma década. A presença da literatura na escola é também o tema de sua pesquisa de pós-doutorado na UERJ. Tem poucas certezas, mas uma delas é de que ensinar é um superpoder. É meio geek, meio nerd e deseja vida longa e próspera à literatura.



Crédito: acervo particular



# Sumário

Carta aos professores .....	4
A obra .....	5
A autora .....	5
A tradutora .....	6
Cuidar ensinando & ensinar cuidando: a Educação Infantil .....	7
A BNCC e os campos de experiências .....	8
A PNA na Educação Infantil: conversar é preparar .....	10
Brincar lendo e ler brincando: a literatura na Educação Infantil .....	14
<i>Minha irmã e eu</i> e os campos de experiências .....	16
"O eu, o outro e o nós" .....	19
"Corpo, gestos e movimentos" .....	23
"Traços, sons, cores e formas" .....	26
"Escuta, fala, pensamento e imaginação" .....	29
"Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações" .....	33
Literacia familiar .....	36
Organizando e compartilhando .....	37
Nossas referências .....	38

# Carta aos professores

Cara professora, caro professor,

Com este material, convidamos você para uma experiência significativa com a leitura literária na Educação Infantil. Acreditamos na força da literatura como motriz de mudança do mundo e em você, no papel de mediador(a) de leitura, como uma sólida ponte que liga as crianças a seu melhor potencial.

As sugestões de trabalho que apresentamos para este livro não se restringem (embora contemplem) à leitura, exclusivamente. Consideramos o texto literário como um privilegiado ponto de partida para variadas vivências que cada leitor, ou seja, cada criança, ressignificará em experiências. E é por isso também que acreditamos que este material é apenas o início de uma longa caminhada, necessariamente múltipla e diversificada.

Desejamos que cada professor e cada professora, junto a suas turmas, amplie as atividades propostas e enriqueça ainda mais seu trabalho, tão importante na garantia dos mais fundamentais direitos das crianças.

Um abraço,  
Kátia Chiaradia



## A obra

*Minha irmã e eu* conta a história de dois irmãos muito diferentes que passam bastante tempo juntos. Em uma prosa sensível, o livro traz à cena uma maneira muito afetiva e segura para um tópico difícil: crianças que são diferentemente capazes, sejam irmãos ou não. As ilustrações muito vibrantes e alegres são mais uma camada de empatia acerca do tema de como acomodar diferentes necessidades dentro de uma unidade, como a familiar, mas não se restringindo somente a ela.

## A autora

Rose Robbins é uma premiada autora e ilustradora que mora em Nottingham, Reino Unido. Rose faz livros ilustrados desde os 6 anos de idade, quando ganhou um grampeador de presente de aniversário. Seu trabalho sobrevivente mais antigo é intitulado *Dois coelhos precisando de amigos* (*Two bunnies needing friends*), mas apenas uma cópia existe atualmente. Ela recebeu um prêmio para iniciantes na feira de pós-graduação D&AD em 2012.



Crédito: Scallywag Press

Em 2017, foi vice-campeã no Carmelite Prize e foi indicada ao prêmio Cheltenham de ilustração. Ela gosta de fazer esculturas, pelúcias, videocliques e estampas de linóleo. Rose tem um irmão autista e ensina jovens autistas.



## A tradutora

Caroline Chang nasceu em Porto Alegre, em 1976, filha de uma mãe brasileira e um pai chinês. É graduada em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e tem mestrado em Literatura Comparada pela mesma instituição. Desde 2001 faz traduções literárias do francês e do inglês; Raymond Chandler, Alexandre Dumas filho, Xinran, Colson Whitehead e Malala Yousafzai são alguns dos autores que verteu para o português.

De infantojuvenis, traduziu *Um menino e um urso em um barco*, de Dave Shelton (2012), *As boas ações do Seu Simões*, de Jim Stollen (2015), *O melhor livro do mundo*, de Rilla Alexander (2015), *O grão de milho*, de Manfeï Obin (2015), *Minha irmã e eu*, de Rose Robbins (2021), *O abraço*, de Eoin McLaughlin e Polly Dunbar (2021), *O que aconteceu com você?*, de James Catchpole e Karen George (2021), *Humberto, a raposa*, de Margaret Sturton (2021) e *Você faz aqui*, de Paul Meisel (2021). É editora na L&PM Editores. Vive em São Paulo, com seu marido, a filha dos dois, seu enteado e a gata da família.



Crédito: Sérgio Lütke

# Cuidar ensinando & ensinar cuidando: a Educação Infantil

A escola é um pedaço da vida, não uma preparação para ela. Igualmente, a Educação Infantil é parte do aprendizado da criança no mundo e não uma preparação para a “escola de verdade”. A escola junta a tarefa do ensinar a aprender àquela do ensinar a ser.

Assim, é direito da criança, estando na escola, viver a própria vida enquanto a entende e descobre-a a partir de suas múltiplas *experiências*.



As crianças aprendem porque querem compreender o mundo em que vivem, dar sentido às suas vidas. As crianças vivem de modo narrativo suas brincadeiras, pois elas formulam e contam histórias ao mesmo tempo em que dramatizam.” (BARBOSA; FOCHI, 2015, p. 66)



Crédito: adaptado do YouTube do autor/Paulo Fochi

## Cada criança é, em si, diferente e única.

Ela também é um reflexo de todas as experiências que teve, dos ambientes em que esteve. As crianças exploram sua realidade e aprendem a refletir sobre as próprias experiências descrevendo-as, representando-as, reorganizando-as em meio a brincadeiras.



Crédito: adaptado de Library of Congress / W. Commons

## Segundo J. Dewey (2010),

experiências são a soma de atitudes empíricas e atitudes experimentais da mente. Por isso, evidentemente, a experiência não é um terreno rígido e finito, mas, ao contrário, é algo vivo, em constante expansão, livre de sentidos estanques e inerentemente reflexiva.

# A BNCC e os campos de experiências

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), desde 2018, traz para a Educação Infantil brasileira o importante conceito de “campos de experiências”. Os campos funcionam como pequenos mundos cotidianos de experiências da criança, preparados pelos(as) professores(as) com atenção e intencionalidade pedagógica, de forma a oferecer condições para ações de descoberta por parte das crianças ou para aprofundar vivências. Na BNCC, os objetivos de aprendizagem para a Educação Infantil, portanto, levam em conta como as crianças aprendem e se desenvolvem em suas rotinas, considerando cinco campos de experiências: “O eu, o outro e o nós”, “Corpo, gestos e movimentos”, “Traços, sons, cores e formas”, “Escuta, fala, pensamento e imaginação” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”.



Elaboração do diagrama:  
Kátia Chiaradia

## Cada campo de experiências

oferece um conjunto de objetos, situações, imagens e linguagens relacionados aos sistemas simbólicos da nossa cultura e capazes de evocar, estimular, acompanhar progressivamente aprendizagens mais sólidas. Os campos são territórios do fazer e do agir próprios da criança, dos quais o adulto se torna um importante apoiador. O objetivo de um trabalho centrado nas experiências protagonistas das crianças é valorizar a individualidade e a particularidade da identidade – cultural inclusive – de cada uma.

Cabe a esse adulto elaborar cuidadosamente os espaços e instrumentos necessários para propiciar contextos naturais, sociais e culturais nos quais as crianças vão interagir e operar, ou seja, *aprender*.

O **livro literário** é um dos mais importantes desses instrumentos.

No caso da realidade brasileira, frequentemente a escola é o principal, se não o único, meio de acesso a livros literários.

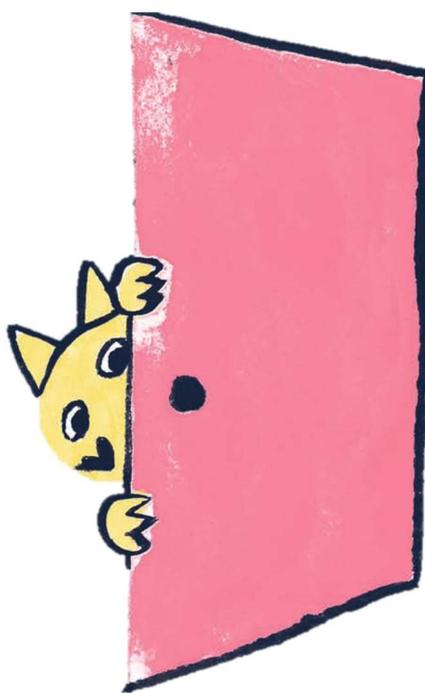
A experiência direta, o jogo, as experiências mediadas de tentativa e erro são as maneiras com as quais a criança sistematiza suas aprendizagens. A literatura é uma facilitadora desse universo.

### “OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS

reconhecem que a imersão das crianças em práticas sociais e culturais criativas e interativas promove aprendizados significativos. São um arranjo curricular que organiza e integra brincadeiras, observações e interações que acontecem na rotina da creche/escola.

Dão intencionalidade para as práticas pedagógicas e colocam a criança no centro do processo.”

**(Movimento pela Base)**



# A PNA na Educação Infantil: conversar é preparar

A Política Nacional de Alfabetização (PNA), de 2019, sugere que a Educação Infantil, que antecede o ciclo de alfabetização, prevista para 1º e 2º anos, é uma boa ocasião para que as crianças desenvolvam habilidades preditoras, como conhecimento e ampliação de vocabulário (V), consciência fonológica (CF), aquisição das habilidades de leitura e de escrita (HLE), formando um conjunto a que se chama **literacia emergente** (LE) (ver lista de siglas a seguir). Segundo as hipóteses descritas no *Caderno da Política Nacional de Alfabetização*, a consolidação dessas aprendizagens preditoras, a **literacia** (L) em si, seria condição para as crianças desenvolverem conhecimentos mais complexos.

A PNA sugere algumas práticas importantes para a pré-alfabetização: a narração de histórias, o manuseio de lápis e giz para as primeiras tentativas de escrita, a chamada escrita espontânea (EE), o contato com livros ilustrados, a modelagem da linguagem oral (LO), o desenvolvimento do vocabulário receptivo e expressivo, em situações cotidianas e nas brincadeiras, os jogos com letras e palavras, além de muitas outras práticas que podem ser feitas em casa ou fora dela, na comunidade ou em bibliotecas.

[...] Nesse momento, a criança é introduzida em diferentes práticas de linguagem oral e escrita, ouve histórias lidas e contadas [...]. Em suma, na literacia emergente incluem-se experiências e conhecimentos sobre a leitura e a escrita adquiridos de maneira lúdica e adequada à idade da criança, de modo formal ou informal, antes de aprender a ler e a escrever. [...] pois favorece não só o processo de alfabetização formal da criança, mas toda a sua vida escolar. São beneficiadas com isso sobretudo as crianças que não tiveram em casa um ambiente rico linguisticamente. (*National Early Literacy Panel*, 2009. In: BRASIL, 2019, p. 22)

Essas práticas são também centrais quando pensamos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil e seus campos de experiências. Por exemplo, no campo de experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, como se verá mais adiante neste material, podemos notar que as experiências vinculadas à cultura oral, como a escuta de histórias e as narrativas elaboradas individualmente ou em grupo, contribuem para que a criança se constitua ativamente enquanto sujeito singular e pertencente a um grupo social.

E essas experiências caminham junto ao desenvolvimento da criança com a cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, a criança vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Segundo a BNCC:

Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em *escritas espontâneas*, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. (BRASIL, 2018, p. 42)



## A Política Nacional de Alfabetização

traz também o termo **numeracia** (N), que se baseia no conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados com a matemática. Assim, é papel da escola proporcionar condições para a turma raciocinar, utilizar conceitos e ferramentas matemáticas dentro e fora da sala de referência. Essas práticas, inclusive, são centrais no campo de experiências “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, estabelecido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil, que também se verá mais adiante nas nossas sugestões de vivências com o livro literário.

Ao longo deste material de apoio, sugeriremos algumas atividades e vivências envolvendo elementos centrais segundo a BNCC e a PNA. Pensando em apoiar os professores e as professoras, identificaremos, de acordo com as siglas e definições abaixo, o elemento que mais se destaca em determinadas atividades:

- **Literacia (L):** conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados com a leitura e a escrita e sua prática produtiva.
- **Literacia emergente (LE):** conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita, os quais se dão por meio de diferentes práticas de linguagem oral e escrita, tais como a escuta de histórias lidas e contadas, o canto de quadrinhas, a recitação de poemas e parlendas, a familiarização com materiais impressos (livros, revistas e jornais), o reconhecimento de algumas das letras, seus nomes e sons, as tentativas de representá-las por escrito, a identificação de sinais gráficos ao seu redor, entre outras atividades de maior ou menor complexidade.



- ▶ **Numeracia (N):** conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados com a matemática.
- ▶ **Escrita espontânea (EE):** toda e qualquer produção gráfica da criança em processo de compreensão do princípio alfabético e do código escrito.
- ▶ **Consciência fonológica (CF):** habilidade metalinguística abrangente, que inclui a identificação e a manipulação intencional da linguagem oral, tais como palavras, sílabas, aliteraões e rimas.
- ▶ **Conhecimento e ampliação de vocabulário (V):** elementos processuais da literacia emergente que pretendem, pela leitura e pela escuta, que as crianças ampliem seu conjunto lexical e desenvolvam pré-requisitos para a futura alfabetização.
- ▶ **Habilidades de leitura e de escrita (HLE):** produto da alfabetização, prevista para o ciclo de 1º e 2º anos, cujo potencial preditor pode ser estimulado na Educação Infantil, desde que respeitadas as práticas científicas e pedagógicas determinadas na BNCC e na PNA.
- ▶ **Leitura dialogada (LD):** interação, por meio de perguntas e respostas, entre adultos e crianças antes, durante e depois da leitura em voz alta.



# Brincar lendo e ler brincando: a literatura na Educação Infantil

O *leitor* diferencia-se do *ledor* em especial a partir de seu relacionamento ativo com a construção dos sentidos e da negociação entre esses sentidos de leitura. Desde a Educação Infantil, a leitura é um exercício de imaginação que constrói o pensamento individual e o pensamento coletivo. Isso porque ler é compartilhar sentidos da vida, visões de mundo, enriquecer as subjetividades. Assim, quando um(a) professor(a) *escolhe livros*, escolhe também o que marcará a vida de seus alunos como leitores literários e como *leitores de mundo*.

Ler livros é diferente de ter experiências de leitura. Nesse sentido, a pergunta que deve ser o propósito de cada professor e cada professora ao elaborar uma situação de leitura é: “Que tipos de *experiências* podem ser constituídas a partir das leituras propostas às crianças?”. Ao comunicarem sentidos, os livros – texto, imagem e materialidade – são mediadores de relações.

Professores(as) da Educação Infantil são figuras decisivas em todo o percurso do livro trilhado pelos alunos, uma vez que cabe a eles não apenas a preparação inicial das novas gerações para a leitura, mas também a nutrição do apreço aos livros e à leitura (L).



Essa representação primeira e básica, pela qual passa necessariamente toda leitura, não conseguiria dar conta do que está em jogo no que diz respeito à memória, à relação com o tempo, à identidade, à escrita ou à relação com o leitor.” (JOUVE, 2012, p. 105)



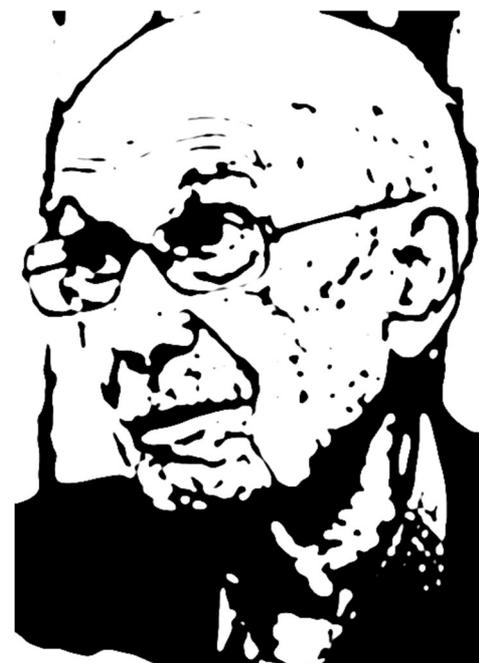
## A literatura é um direito humano,

segundo defende o professor Antonio Candido, para quem “pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo”. Em seu ensaio “O direito à literatura”, o professor Antonio Candido explica a importância do ensino curricular e democrático da literatura nas escolas:



Por isso é que em nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. [...] Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.”

(CANDIDO, 2004, p. 175)



Crédito: adaptado do blog da Boitempo/Divulgação

Assim, sendo vivência artística, a literatura, ao mesmo tempo, brota das individualidades e das experiências coletivas, como aquelas favorecidas pela escola, desde as brincadeiras na Educação Infantil.

# Minha irmã e eu e os campos de experiências

Até aqui, entendemos que a BNCC da Educação Infantil trabalha ou propõe o trabalho com os *direitos* e os *objetivos de aprendizagens* das crianças em cinco *campos de experiências*. Também vimos que o livro literário, enquanto objeto lúdico, pode ser uma potente ferramenta de apoio a professoras e professores na preparação de ambientes, propostas e situações favoráveis a experiências significativas das crianças e entre elas.

Contudo, é importante reforçar que os *campos de experiências* não são estanques e imiscíveis, como lembra o pesquisador Paulo Fochi, um dos redatores da Base da Educação Infantil, em seu texto “Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos de experiência”:

“

O caráter lúdico e contínuo das experiências das crianças abre um espaço para a produção de significados pessoais, seja pelo prazer do já-vivido, característico na atividade lúdica, seja por germinar algo que está embrionário na criança na continuidade de suas experiências”. (FOCHI, 2015, p. 227)





Os campos de experiências não operam em tempos compartimentados: eles atravessam de forma objetiva o modo como o contexto é organizado e, subjetivamente, nas ações e intervenções do adulto que os acompanha.”

(FOCHI, 2015, p. 226)

Nesse sentido, embora neste **Material Digital do Professor** nossas sugestões de vivências e atividades lúdicas estejam organizadas nos cinco *campos de experiências* da Base, a depender do campo *prioritariamente* estimulado em cada uma delas, reforçamos que a *contiguidade* e a própria *continuidade* entre os campos e as experiências constroem as aprendizagens dos bebês e das crianças pequenas e muito pequenas, pois é “na continuidade das experiências que reside a força e a vitalidade da ação das crianças em compreender, explorar e aprofundar as suas hipóteses afetivas, cognitivas e sociais sobre o mundo”. (FOCHI, 2015, p. 226)



## PREPARAÇÃO PARA A LEITURA

- Antes de começar a história, compartilhe o nome da autora e ilustradora Rose Robbins, comentando cada um de seus papéis na elaboração da história.
- Mostre a capa do livro e indague as crianças sobre o que elas imaginam ser a história.
- Em roda de conversa, realize a leitura do livro *Minha irmã e eu*.

Esse movimento de preparação para a leitura possibilita que as crianças revisitem seu repertório de histórias e relacionem às suas expectativas de leitura algumas histórias conhecidas, com temáticas familiares ou diferentes.

## LEITURA

- Então, em roda de conversa, leia para as crianças o livro *Minha irmã e eu*.
- A cada página lida, procure aproximar o livro das crianças para que elas se sintam convidadas a observar as ilustrações.

Ao fim da primeira leitura, proporcione momentos convidativos para que as crianças apresentem as suas percepções sobre a história, destacando o que mais gostaram.



# Campo de experiências

## “O eu, o outro e o nós”

### Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento

**(EI02E001)** Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.

**(EI02E003)** Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.

**(EI02E005)** Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças.



## Toda criança constrói a si

também a partir do que resgata e recolhe das variadas relações que vive ou observa: conversas, escutas, argumentações, representações. Tudo isso ocorre para que ela possa se entender enquanto ser e enquanto parte de grupos e comunidades, desde a família até a própria espécie humana.

Nessas relações, as crianças fazem incontáveis perguntas, aprendem a identificar e nomear sentimentos e estados de humor, passam a perceber e internalizar também direitos e deveres e a atuar de maneira mais consciente em espaços públicos e privados (sejam eles físicos ou não).

Em *Minha irmã e eu* este é o campo mais presente. O narrador em primeira pessoa relata parte de sua rotina com sua irmã. Não se sabe se ele é mais velho ou mais novo, se são gêmeos, e isso também ajuda a compor a horizontalidade da relação entre eles.

O primeiro comentário que ele faz sobre a irmã é: “Ela não usa palavras, mas diz muito!”. Esse aparente paradoxo talvez seja a mais essencial das características da irmã, desenhada por ele como alguém complexo, isto é, de muitas camadas a serem compreendidas. Embora a irmã não use dos mesmos meios que a maioria das pessoas usa para se comunicar, ela se faz expressar “muito” para quem se propõe a compreendê-la.

O narrador segue, então, seu *relato sobre as experiências* vividas com sua irmã, tão diferente dele, e fica evidente que, ao passo que ele a descreve, também descreve a si mesmo. Ela gosta de algumas coisas, ele de outras, mas eles também compartilham gostos.



**Minha irmã gosta de assistir tevê sozinha  
E eu gosto de ouvir música...  
Mas é melhor quando ouvimos juntos!**

(p. 8 a 10)

Ao longo das páginas, o leitor vai percebendo que quando o narrador entende do que a irmã gosta, ele passa a entender também do que ele gosta (e até os gostos e experiências que ambos compartilham). Descobrir e aceitar a própria identidade implica viver em paz com todas as dimensões de seu eu: ele conheceria as mesmas coisas de si sem o convívio com a irmã? Quanto de cada um de nós é moldado por nossas relações, especialmente aquelas com pessoas diferentes de nós? Cada um, não importa a idade, aprende melhor na relação com os outros.

**Minha irmã e eu  
Somos bem diferentes...  
Mas nós nos amamos mesmo assim.**

(p. 30 a 32)

A escola deve formar e nutrir cidadãos capazes de construir coletividades mais amplas e diversas e nelas se relacionar. Embora isso nunca seja explicitado no texto, a irmã do narrador tem características do espectro autista. A relação entre eles nos mostra que não basta reconhecer e conservar as diferenças preexistentes, mas sim que é preciso usar essas diferenças para sustentar ativamente a interação cabível àquela relação, negociando limites e situações que sejam confortáveis a todos os envolvidos.

Por meio de vivências, interações e brincadeiras inspiradas nos relatos de *Minha irmã e eu*, as crianças podem aprender que todos somos diferentes e é importante respeitarmos as diferenças de diversas naturezas, sejam elas físicas ou de opiniões, na maneira de agir ou de pensar, tendo um neurodesenvolvimento típico ou não.

- ▶ Após a leitura do livro, convidar as crianças a falar sobre os dois personagens principais: o irmão, que é o narrador, e a sua irmã. Espera-se que identifiquem que ambos são muito diferentes entre si. Perguntar-lhes se elas se identificam com algum dos irmãos (V) (LD) (LE).
- ▶ Perguntar às crianças se alguma tem irmão. Após as manifestações, incentivar duas ou três crianças, ou as crianças que se sentirem à vontade para falar, a relatar se são parecidas ou diferentes de seus irmãos (LD) (LE). É possível ampliar a conversa para primos, amigos, colegas...
- ▶ Pensando no objetivo EI02E001, sugerir que as crianças olhem umas para as outras e digam, com as suas palavras, o que elas têm de semelhante e de diferente. Após as manifestações, conversar com elas sobre a beleza de sermos todos únicos e especiais devido a tantas características diferentes. Esta atividade será mais bem aproveitada se proposta a crianças de 3 anos a 3 anos e 11 meses.
- ▶ Formar grupos de crianças com características afins (N). Por exemplo, um grupo de altas, outro de velozes, pode ser também de crianças bem pequenas, falantes, quietas, engraçadas, que já reconhecem letras ou sabem contar. Sugerir que conversem e elenquem tarefas que elas poderiam fazer, aproveitando suas características, para ajudar pessoas diferentes delas: pegar objetos no alto, ajudar a contar os lápis do estojo, fazer alguém rir, buscar objetos distantes... Nessa vivência, as crianças serão incentivadas a questionar sobre como poderiam ser mais cooperativas, como prevê o objetivo EI02E003. Essa proposta é sugerida para crianças de 3 anos a 3 anos e 11 meses.
- ▶ No livro, a irmã do narrador gosta de ver televisão e ele prefere ouvir músicas. Mostrar às crianças a página em que isso ocorre e perguntar a elas qual foi a atitude que o irmão teve para fazer o que gosta e mostrando respeito por sua irmã (LD) (LE). Espera-se que observem que ele usa fones de ouvido para poder estar no mesmo espaço da irmã sem atrapalhá-la e, ao mesmo tempo, sem deixar de fazer as coisas de que gosta. Perguntar às crianças quais atitudes de respeito elas costumam usar para evitar conflitos com familiares ou colegas. Aguardar manifestações e, após, listar condutas simples que mostram respeito: não tocar o outro se ele não quer ser tocado, pedir autorização antes de pegar algo de outra pessoa, ouvir alguém falar sem interromper, entre outras. Esse trabalho busca atingir os objetivos na EI02E005.
- ▶ Por fim, lembrar que seremos sempre melhores se convivemos e aprendermos com a diferença.

# Campo de experiências

## “Corpo, gestos e movimentos”

### Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento

**(EI02CG01)** Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.

**(EI02CG03)** Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.



As crianças tomam consciência do próprio corpo experimentando-o desde o nascimento. O movimento é uma das primeiras linguagens (se não a primeira) que elas experimentam: mover-se, virar-se, esticar os braços, sacudir as pernas; depois sentar-se, pular, correr, higienizar-se, dançar, jogar, imitar, relaxar...

No trabalho com o campo “Corpo, gestos e movimentos”, as crianças exploram e reconhecem o mundo, o espaço e tudo à sua volta através do corpo e de suas expressões corporais.

Em *Minha irmã e eu*, a questão do corpo e sua individualidade é abordada de maneira bastante sensível. Em dado momento de seus relatos, o narrador compartilha a informação de que sua irmã não gosta de receber abraços, contudo, isso não os impede de usarem seus corpos em experiências únicas e próprias dessa relação.

### **Minha irmã não gosta muito de abraços. Então tocamos as mãos!**

(p. 28-29)

Assim como os dois irmãos de *Minha irmã e eu*, as crianças podem expressar diversos sentimentos e necessidades usando seu corpo, reproduzindo ou criando gestos e movimentos.



- ▶ No livro, a irmã do narrador fica desconfortável com abraços. Então, eles inventam uma nova maneira de expressar cotidianamente a felicidade de estarem juntos: eles unem as mãos em um *High five*, também conhecido no Brasil como “Toca aqui”. Dialogar com as crianças (V) (LD) (LE):

*Quem aqui tem uma forma própria de se cumprimentar?*

*Com quem você(s) utiliza(m) esse cumprimento?*

*Onde vocês usam esse cumprimento? Em casa, na escola, no bairro, na igreja?*

- ▶ Então, incentivar que, individual ou coletivamente, as crianças inventem diferentes gestos ou movimentos para expressar felicidade ou algum outro sentimento que elas desejem, como ocorre no livro. Elas também podem, se preferirem, inventar formas alternativas de cumprimentos, como tocar os cotovelos, uma forma que se tornou usual durante a pandemia de covid-19. Depois, cada criança que desejar pode apresentar seu gesto ou movimento à turma, explicando o que significa e em quais situações ele é usado. Essa vivência remete aos objetivos de aprendizagem descritos em EI02CG01.
- ▶ O narrador e sua irmã gostam de dançar juntos. Pensando nisso e nos objetivos descritos em EI02CG03, perguntar às crianças se há alguma atividade que elas prefiram fazer apenas na companhia de alguém: comer, ver TV, brincar... Convidá-las para que cada uma conte, por meio de mímicas, que atividade é essa.

Entre outras coisas, as experiências motoras são importantes porque favorecem às crianças a construção da imagem de si.



# Campo de experiências

## “Traços, sons, cores e formas”

### Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento

**(EI02TS02)** Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.

**(EI02TS03)** Utilizar diferentes fontes sonoras disponíveis no ambiente em brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.



## Explorar, com todos os sentidos,

materiais variados é, para a criança, um exercício de criação e criatividade e, portanto, é também o início de suas experiências com a arte. Daí surgirão experimentações gráfico-visuais e sonoras, desde o concreto até o virtual. Ao transformar algo bruto em expressão intencional e organizada, toda obra de arte se torna uma geradora de experimentações e experiências intensas sobre o mundo e estar nele. Dewey explica:



Através da arte, os significados de objetos que de outro modo seriam opacos, caóticos e restritos, e que despertariam resistência, são esclarecidos e concentrados, e não por sua trabalhosa elaboração no pensamento, não pela fuga para um mundo meramente sensorial, mas pela criação de uma nova experiência.” (DEWEY, 2010, p. 256)

No trabalho com o campo “Traços, sons, cores e formas”, observamos como a criança se expressa por diferentes linguagens das artes visuais e sonoras.

Dentro desse campo, em *Minha irmã e eu*, propomos olhar para as ilustrações da jovem autora inglesa Rose Robbins buscando perceber sua escolha de traços e de cores, sempre bem vivas e frequentemente primárias.



- ▶ Nas páginas 18 e 19, o narrador conta que sua irmã e ele aprendem muito, mas coisas diferentes. Ela é uma boa observadora, faz desenhos autorais e cozinha. Ele lê e sabe tocar um instrumento musical. Porém, nessas experiências tão distintas, há algo em comum: os dois usam a arte como forma de se expressar. Assim, pensando em trabalhar os objetivos previstos em EI02TS02, disponibilizar às crianças materiais variados, como argila, massinha, materiais recicláveis e naturais, que possibilitem que elas se expressem. Após isso, sugerir que, usando os recursos que desejarem, individual ou coletivamente, elas busquem retratar o ponto que mais gostaram na história.
- ▶ Então, com o auxílio dos elementos de apoio por elas criados, as crianças apresentarão suas versões da história para as famílias, em casa, como maneira de ampliar o conjunto de práticas e experiências relacionadas com a linguagem, a leitura e a escrita, as quais as crianças vivenciam com suas famílias, a chamada literacia familiar (V) (LE).
- ▶ Solicitar às crianças e suas famílias que tenham algum instrumento musical em casa que o levem para a escola e demonstrem seus respectivos sons. A proposta não tem intenção de ensinar as crianças a tocar instrumentos, mas sim de apreciar os diferentes sons instrumentais, comparando-os e buscando despertar nas crianças a estesia. Esse é um dos objetivos previstos em EI02TS03.



# Campo de experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação”

## Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento

**(EI02EF01)** Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões.

**(EI02EF06)** Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.

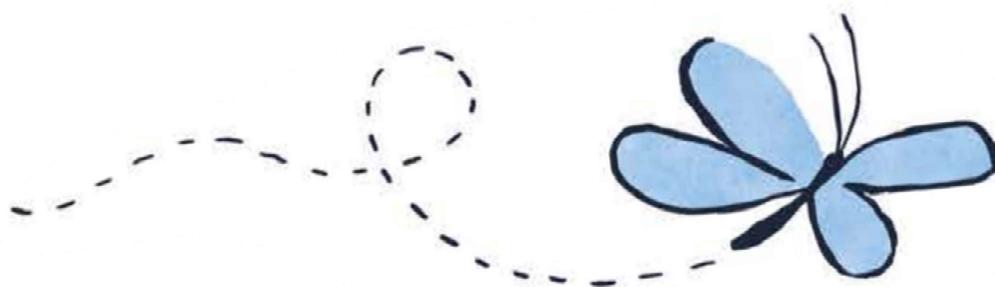


## A língua, sobretudo a materna,

é um instrumento essencial para se comunicar e estar no mundo. É também o meio para se exprimir em modos pessoais, criativos e sempre mais articulados. Quando chegam à escola, mesmo as crianças muito pequenas trazem consigo um repertório de vivências linguísticas próprias e representativas de sua região, de seu grupo social, de seu tempo. Em um mundo globalizado, muitas chegam, inclusive, com conhecimento de outras línguas.

No campo “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, a Educação Infantil deve promover às crianças o conhecimento da língua oficial de seu país, tomando o cuidado de sempre respeitar as variantes regionais e culturais. As experiências escolares devem intencionalmente oportunizar às crianças a vivência de uma diversidade de situações comunicativas ricas de sentido (L), para que elas observem e vivam a língua em movimento em seus diversos aspectos e usos (LE): ouvindo, contando e recontando histórias, dialogando e argumentando (LD), negociando posições, brincando com sons e significados das palavras novas e das conhecidas (CF) (V), entre outras tantas possibilidades. Assim, no caminho rumo à sua alfabetização, cada criança passa a criar suas hipóteses sobre a escrita e compreende seu uso social.

A obra ***Minha irmã e eu*** é um conjunto de *relatos* de uma criança sobre experiências de como é conviver com sua irmã, bastante diferente dela. Assim, desde o próprio gênero narrativo, o livro remete ao campo “Escuta, fala, pensamento e imaginação”.



- ▶ Solicitar que as crianças tragam de casa fotos especiais com seus irmãos ou outros familiares, ou ainda com amigos e colegas. Ao apresentarem as fotos, convidar as crianças para contar aos colegas quem são as pessoas da foto, o que faziam na hora da foto e por que aquele momento se tornou especial (V). Após todas compartilharem suas histórias, sugerir que desenhem ou escrevam (escrita espontânea) algo que gostariam de fazer com a pessoa da foto (EE) (HLE). Essa vivência pretende trabalhar os objetivos previstos em EI02EF01. Essa proposta é sugerida para crianças de 3 anos a 3 anos e 11 meses.

Sabemos que a irmã do narrador não usa palavras, mas se expressa bem. Convidar as crianças a imaginar como seria a história contada pela irmã, se fosse possível ler sua mente. Ou ainda pela avó. Dialogando com as crianças após a leitura da história, converse com elas (V) (LD) (LE):

*Como seria uma história contada pela avó de duas crianças tão diferentes?*

*O que ela contaria de diferente?*

- ▶ Então, será possível sugerir às crianças elaborarem uma versão da história que seja contada pela irmã ou pela avó. Essa atividade deve ter o professor como escriba (HLE). Antes de iniciar essa escrita, as crianças deverão contar oral e coletivamente a história para poderem organizar seus pensamentos e suas falas. Essa vivência pretende exercitar os objetivos em EI02EF06. Durante a elaboração da história, seja na lousa ou em cartazes, convidar as crianças a "caçar" letras iguais em palavras diferentes (CF) (HLE):

*Qual letra se repete nessa palavra?*

*Onde vocês estão vendo a letra A nessa palavra?*

O artigo 5º da Política Nacional de Alfabetização (PNA) tem, como uma de suas diretrizes, a "Priorização da alfabetização no 1º ano do ensino fundamental".



Professor(a), não há compromisso de que as crianças acertem as respostas às perguntas acima, mas fazê-las mobiliza processos cognitivos de leitura, letramento e literacia, que serão fundamentais para o sucesso da alfabetização no tempo previsto pela Base Nacional Comum Curricular e pela Política Nacional de Alfabetização. Nutrir o interesse investigativo das crianças pelas correlações entre letras, sons e significados é parte essencial do sucesso da futura alfabetização.

VIVÊNCIAS SUGERIDAS



# Campo de experiências

## “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”

### Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento

**(EI02ET02)** Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.).

**(EI02ET05)** Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).

**(EI02ET08)** Registrar com números a quantidade de crianças (meninas e meninos, presentes e ausentes) e a quantidade de objetos da mesma natureza (bonecas, bolas, livros etc.).



## No campo de experiências

“Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, as crianças, desde cedo, demonstram curiosidade por tudo que acontece em seu entorno e sobre o mundo físico, diferenciam o dia da noite, o perto do longe. Nessa relação da criança com o mundo, ela é colocada frente a frente com seus conhecimentos matemáticos e espaciais por meio das formas geométricas, da comparação de pesos e medidas, da contagem...

*Por que chove?  
Como são feitos os filhotes?  
Para onde vai o Sol à noite?  
Quanto é 100?*

A curiosidade pela natureza, seus fenômenos e seus organismos é um grande motor de aprendizados dentro do campo “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”.

Nele se inicia o exercício da pesquisa em busca de entender e conseguir explicar as mais variadas situações-problema de seu cotidiano. As crianças compartilham entre si e com os adultos suas hipóteses em busca de respostas e regularidades, no calçamento de um percurso mais estruturado em busca de conhecimento.



- ▶ As ilustrações da página 25 até a 27 mostram a irmã do narrador acidentalmente esbarrando os pés em uma mesa, sobre a qual está um vaso. Na sequência, fica evidente que ela machucou o pé, mas não se sabe se o vaso quebrou. Pensando nos processos de pesquisa que as crianças podem desempenhar, propor-lhes algumas perguntas (V) (LD) (LE) (N):

*Por que a menina machucou o pé?*

*Será que o vaso se quebrou?*

*Onde eles parecem estar: em casa ou na escola?*

- ▶ Separar diferentes materiais (tecidos, cerâmica, plástico, madeira, vidro, metal, líquidos...) e incentivar que as crianças observem cada um deles (EI02ET02), testem suas características e separem-nos em dois grupos: aqueles que apenas com um esbarrão podem machucar pessoas e aqueles que não podem (EI02ET05). Em seguida, elas devem expressar oralmente e depois registrar quais são as características dos materiais de cada grupo (EI02ET08) (N) (V) (EE). É provável que identifiquem que alguns materiais são mais rígidos que outros e, por isso, em situação de impacto poderiam machucar, como aconteceu com a irmã do narrador ao esbarrar seu pé na mesa.
- ▶ Repetir o processo investigativo, usando os mesmos materiais e métodos, pensando em responder à pergunta: "Será que o vaso quebrou?". Ao final, a ideia é que as crianças identifiquem que alguns materiais, mesmo rígidos, são mais frágeis que outros e que, nesse sentido, um vaso de cerâmica ou vidro provavelmente teria se quebrado, já um vaso de plástico ou papel machê não.
- ▶ Ainda com base nos materiais investigados, as crianças podem comparar os conjuntos para identificar qual é o maior e qual é o menor. Isso pode se dar, por exemplo, a partir da contagem dos elementos de cada grupo (N).



## Literacia familiar

De acordo com a Política Nacional de Alfabetização (PNA), a literacia familiar corresponde a um conjunto de práticas e experiências relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita, as quais a criança vivencia com seus pais e familiares.

Pensando nisso, você pode organizar uma “conversa de pais”, que propicie um espaço de acolhimento e orientação sobre como eles podem praticar a literacia familiar em seus lares e sobre as contribuições para o desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças.

Professor(a), você também pode elencar alguns tópicos, como:

**(a) Interação entre adultos e crianças:** as conversas em atividades diárias estimulam relacionamentos positivos entre adultos e crianças, como pais, professores e cuidadores com as crianças, além de auxiliar no desenvolvimento do vocabulário. Assim, quanto mais conversas (de qualidade), mais as crianças aprendem.

**(b) Leitura compartilhada de livros:** por meio da prática frequente (se possível, diária), as famílias auxiliam as crianças a se relacionar mais e melhor com tudo o que envolve o objeto-livro: a cultura, a natureza, as suas próprias emoções, as letras, as palavras, a organização e as funções da escrita etc. – habilidades que são e serão fundamentais para a aprendizagem da leitura no Ensino Fundamental. Nesse tópico, é importante indicar aos familiares e cuidadores o quão importante é o diálogo entre eles e as crianças durante a leitura, propiciando espaços para que todos contribuam durante a leitura do livro.

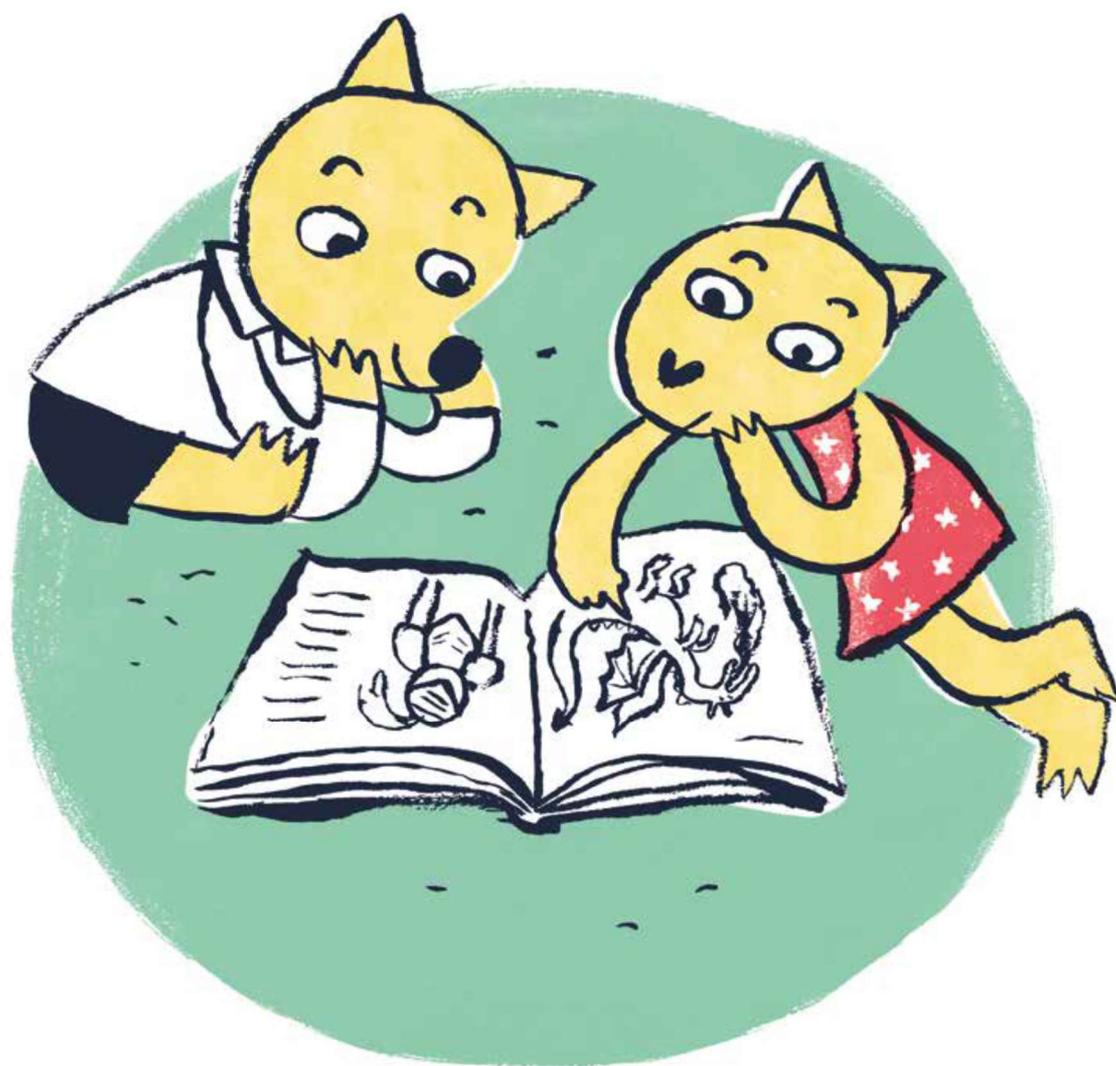
**(c) Brincar juntos:** a brincadeira, o canto, a dança e outras atividades que envolvam a participação das crianças e dos familiares estimulam habilidades motoras e socioemocionais que também são relevantes para o desenvolvimento infantil.

Além disso, você pode criar uma rotina de leituras a serem realizadas no lar da criança, com as famílias ou com seus cuidadores, por meio do envio de livros da biblioteca escolar ou da sala de leitura selecionados por você, ou até mesmo um rodízio de livros disponíveis na escola.

## Organizando e compartilhando

Nessa fase dos trabalhos, você pode organizar as evidências de envolvimento das crianças nas atividades propostas como forma de alimentar um portfólio da turma ou de cada criança, conforme convenha para a sua escola. Esse registro é de grande valor pedagógico e simbólico, tanto para os educadores como para as famílias, e deve ser compartilhado com a mesma riqueza com que cada atividade foi concebida.

Além disso, após o término da leitura, você pode sugerir que as crianças avaliem livremente se gostaram do livro e das atividades inspiradas a partir dele.



## Nossas referências para este trabalho e, ao mesmo tempo, nossas sugestões de leitura são:

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2011.  
*Intensamente lido e citado por quantos se interessam pelo tema, este texto apresenta um vasto panorama da literatura nacional que circulou entre as crianças brasileiras, tomando por ponto de partida a literatura oral e chegando até a produção de Monteiro Lobato. Além de ser um documento histórico, que remonta às origens desta categoria de escrita no Brasil, a obra serve como um extenso objeto de estudo e pesquisa.*

BAJOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.  
*Premiada com o Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2013, a obra é composta por quatro textos que discorrem sobre a importância da escuta, da conversação literária e do registro para o êxito no trabalho com a leitura literária. Bajour chama a atenção para a importância da formação do mediador, responsável, em grande parte, pelo sucesso ou pelo fracasso das ações promotoras da formação do leitor em contexto escolar.*

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FOCHI, Paulo Sergio. “Os bebês no berçário: ideias-chave”. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FLORES, Maria Luiza Rodrigues (orgs.). **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.  
*Resultante de trabalhos realizados a partir do projeto Cooperação Técnica entre a Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC) e a Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nos anos de 2012 e 2013, a obra se organiza em duas partes: “As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil no Cotidiano das Práticas” e “As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil no contexto das políticas”. A escolha dos temas foi feita a partir da Resolução 05/09, a qual determina a organização da oferta educacional da Educação Infantil.*

BARBOSA, Maria Carmen; RICHTER, Sandra Regina S. “Campos de experiência: uma possibilidade para interrogar o currículo”. In: FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmen; FARIA, Ana L.G. (orgs.). **Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de Educação Infantil brasileiro**. Campinas: Leitura Crítica, 2015.  
*A obra questiona como pensar uma Base Comum Curricular sem perder de vista as especificidades da Educação Infantil. A proposta é, assim, pensar um currículo pautado na escuta ativa, na investigação, na descoberta e na invenção.*

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 14 mar. 2021.

*A Base Nacional Comum Curricular define o conjunto de aprendizagens essenciais a que todos os estudantes têm direito, por lei, na Educação Básica. É um compromisso do Estado brasileiro para favorecer as aprendizagens de todos os alunos e fortalece a colaboração entre União, Estados e Municípios. Seus fundamentos pedagógicos se ligam ao compromisso com a educação integral, ou seja, com a formação e o desenvolvimento humano global, nas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica. O principal desafio da BNCC, enquanto meta político-educacional, é estabelecer um pacto nacional em torno da igualdade de oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento para todos os estudantes durante a Educação Básica.*

BRASIL. Ministério da Educação. **Caderno da Política Nacional de Alfabetização**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br>. Acesso em: 14 mar. 2021.

*O Caderno da Política Nacional de Alfabetização é um guia explicativo, destinado a estados e municípios, professores e alunos do ensino fundamental, pais e responsáveis, bem como a estudantes da educação de jovens e adultos, que detalha a política, abordando desde o cenário atual, marcos históricos e normativos no Brasil, apresenta importantes relatórios científicos internacionais e traz conceitos sobre alfabetização, literacia e muito mais.*

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. reorg. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2004.

*Desta riquíssima obra de Antonio Candido, selecionamos o clássico "O direito à literatura", não apenas por sua importância teórica, mas por, definitivamente, sintetizar o que rege este material, isto é, a visão da literatura – e da arte e de sua fruição – como um direito humano.*

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

*Fruto de uma extensa pesquisa realizada na Espanha, país natal da autora, este livro, certamente um clássico sobre o tema da formação do leitor literário, apresenta informações históricas e elementos preciosos para análise e compreensão da produção editorial destinada à infância e à juventude.*

DEWEY, John. **A escola e a sociedade e a criança e o currículo**. São Paulo: Relógio D'água, 2002. *A obra apresenta parte da filosofia da educação de John Dewey, que defendia o processo experimental e centrado na criança. Atualmente, Dewey vem sendo relido sob a perspectiva da compreensão das metodologias ativas.*

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. *Nesta obra, Dewey afirma que a experiência, sendo uma negociação consciente entre o eu e o mundo, é uma característica irreduzível da vida. Sendo assim, para o autor não há experiência mais intensa do que na arte.*

DEWEY, John. **Como pensamos**. Trad. e notas de Haydée de Camargo Campos. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

*Nesta obra, Dewey defende que o pensamento reflexivo seria a mais conveniente dentre as muitas maneiras de pensar, pois prepara os estudantes para o questionamento ativo da realidade.*

FOCHI, Paulo Sergio. "Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos de experiência" In: FINCO, Daniela; BARBOSA, M. Carmem; FARIA, Ana L.G. (orgs.). **Campos de experiências na escola da infância. Contribuições italianas para inventar um currículo de Educação Infantil brasileiro**. Campinas: Leitura Crítica, 2015.

*Para o autor, a organização de um currículo por campos de experiências consiste em colocar no centro do projeto educativo o fazer e o agir das crianças e, portanto, a defesa do lúdico e das experiências significativas.*

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

*Peter Hunt é um dos principais críticos de literatura infantil e juvenil da contemporaneidade. Ao se propor estudar a literatura infantil por viés teórico e não histórico, cultural ou afetivo, o pesquisador inglês aborda questões como o objeto livro, a noção de leitor e de leitura na infância e principalmente a definição do que é ou pode ser literatura infantil. Seus questionamentos são lidos ao lado da teoria literária do século XX, o que os torna especialmente relevantes.*

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?**. Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

*Neste ensaio, Vincent Jouve demonstra o papel imprescindível dos estudos literários, pois eles participam da consciência daquilo que somos e incidem sobre a formação do espírito crítico, motor de toda a evolução cultural. Para o autor, a literatura tem um valor específico que confere legitimidade aos estudos literários, uma vez que o confronto com as obras enriquece nossa existência ao abrir o campo dos possíveis.*

LEBRUN, Marlène. "A emergência e o choque das subjetividades de leitores do maternal ao ensino médio graças ao espaço interpretativo aberto pelos comitês de leitura". In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

*Aproximando leitura e subjetividades, os artigos deste livro problematizam o que alguns chamam de ensino de literatura contemporâneo. Enfrentar o desafio que as crianças e os jovens de hoje apresentam para o ensino de literatura – sejam leitores de literatura ou não leitores (que precisam ser motivados pela escola), ou ainda leitores de outros suportes (mas sem familiaridade com o livro impresso) – é uma das questões em que esta obra busca apoiar professores.*

MOVIMENTO PELA BASE. **BNCC na Educação Infantil**. Orientações para gestores municipais sobre a implementação dos currículos baseados na Base em creches e pré-escolas.

Disponível em: <http://bit.ly/MovimentoPelaBaseBNNCEI>. Acesso em: 6 mai. 2021.

*Documento elaborado com o intuito de apoiar as redes municipais de educação na implementação da parte da Educação Infantil da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Dirigido a gestores municipais, pode ser considerado um complemento ao Guia de Implementação da Base Nacional Comum Curricular no âmbito da Educação Infantil.*



# LIVRO DO **PROFESSOR**